

## APRENDENDO A PONTUAR

Aira Suzana Ribeiro Martins— Colégio Pedro II/ UERJ

### 1- Introdução

A pontuação, como sabemos, é um assunto ao qual se dedica pouca atenção. As gramáticas tradicionais apresentam esse tema de forma um pouco confusa, ora relacionando-o à modalidade oral, ora à modalidade escrita da língua; as definições, em geral, contraditórias de uma gramática para outra, são pouco esclarecedoras. Nos manuais didáticos, a pontuação é tratada de forma superficial; é reduzida a uma enumeração de regras, sem qualquer referência à sua função de segmentar os constituintes frasais, de promover a organização textual e de garantir a compreensão do texto escrito. Os sinais de pontuação são também signos imprescindíveis para que as ambigüidades sejam desfeitas e o sentido do texto seja evidenciado. Esses signos apresentam-se, além disso, como importantes recursos expressivos, que podem acrescentar outros sentidos subjacentes à mensagem escrita.

Sem orientação, o aluno pontua o texto, tomando como base, exclusivamente, a realização oral da língua. Sabemos, entretanto, que nem sempre se observa uma correspondência perfeita entre as pausas realizadas na cadeia falada e a pontuação do texto escrito. Como resultado, o estudante adquire uma noção equivocada a respeito do emprego dos sinais de pontuação e, muitas vezes, conclui o curso médio sem ter a exata noção da importância desses sinais. Nossa proposta é tornar o ensino desse tema mais produtivo, evitando a apresentação de uma extensa lista de regras de uso dos sinais de pontuação.

Tencionamos, neste texto, refletir sobre as razões pelas quais a pontuação é associada à modalidade oral da língua, observar a pontuação empregada em textos de diferentes gêneros e, por fim, sugerir estratégias de abordagem do assunto em sala de aula. A apreciação da pontuação pode ser feita tanto nos textos em que se evidencie a forma exemplar de seu emprego quanto em produções escritas nas quais se destaque seu uso estilístico.

### 2- Um pouco de História

Os equívocos presentes nas gramáticas se devem, em parte, à própria natureza dos sinais de pontuação, de acordo com Rocha (1997). O surgimento desse sistema está ligado à leitura em voz alta, prática comum nos primeiros tempos da invenção da escrita. O surgimento desses signos se deu de forma gradativa, de acordo com as necessidades impostas pela evolução da modalidade escrita da língua.

Na Antigüidade, em virtude de a maioria da população ser formada por pessoas analfabetas e do maior prestígio da oralidade, os textos, quase sempre de pregação religiosa, eram lidos em voz alta para uma platéia. Segundo Costa (1994), os textos não eram escritos pelos autores; essa tarefa cabia aos copistas. Desse modo, um texto poderia ter várias versões, de acordo com o número de pessoas que o copiava. Essa informação mostra o caráter discursivo da pontuação, fato omitido pelos teóricos de um modo geral. Gladstone Chaves de Melo (1980) é um dos poucos autores que fazem referência a essa particularidade, ao afirmar que a pontuação está mais ligada a questões de ordem estilística do que de ordem gramatical.

Os escribas acrescentavam notas às composições, tais como a perfeita recitação de um poema, com a finalidade de evitar ambigüidades, algumas observações sobre a pronúncia correta das palavras, ou a indicação da exata duração das vogais. Essas notas, chamadas pontos, tinham o objetivo de garantir ao leitor/orador uma perfeita interpretação do texto. Vem daí a origem da palavra pontuação, designando todos os sinais que auxiliavam a leitura e a compreensão dos textos. Tendo em vista as circunstâncias do surgimento da pontuação, vemos,

inicialmente, seu emprego mais ligado à prosódia. As primeiras gramáticas impressas referem-se claramente à relação desses sinais com a leitura do texto em voz alta.

O surgimento de novas tecnologias, que aperfeiçoou a fabricação do livro, e o acesso à escolaridade fizeram aumentar o número de leitores e modificaram o hábito de leitura. Essa prática, predominantemente oral nos primeiros tempos, deu lugar à leitura silenciosa. Com isso, a pontuação, além de estar subordinada ao papel melódico da cadeia falada e às pausas respiratórias, passa a ser empregada num sentido lógico-gramatical. Toda essa mudança também contribuiu para a criação de novos signos de pontuação, pois esse sistema facilitaria a leitura visual.

As imprecisões encontradas nas gramáticas normativas se devem também à diferença entre oralidade e escrita, como observa Laufer (In ROCHA, 1997). Embora a modalidade oral e a modalidade escrita sejam dois sistemas semióticos distintos, há pontos de contato entre elas, já que a língua é comum às duas modalidades.

Não há um consenso entre os estudiosos acerca da verdadeira natureza da pontuação. Alguns, como Nunberg (1990), defendem a idéia de que a pontuação seja um assunto exclusivo da escrita; outros, como Catach (1980), vêem o assunto relacionado tanto à escrita quanto à oralidade. Para essa autora, prosódia, sintaxe e semântica são inseparáveis. Podemos observar, ainda, que o autor do texto tem certa liberdade na escolha de certos sinais de pontuação, como as vírgulas, os travessões e os parênteses. Além do mais, o escrevente pode segmentar as orações e os constituintes frasais por meio dos sinais de pontuação ou pode construir longas frases com o emprego reduzido de sinais.

De acordo com Halliday (In ROCHA, 1997), há duas formas de se pontuar um texto: uma maneira associada à língua oral, mais segmentada pela pontuação, e outra gramatical, em que o autor se mantém mais econômico em relação ao uso dos sinais de pontuação, deixando a realização das pausas por conta do leitor. É comum encontrarmos interessantes efeitos expressivos, graças à pontuação, em textos literários e publicitários, aos quais se acrescentam outras significações que ultrapassam aquelas previstas pela gramática tradicional.

É importante destacar, ainda, o fato de um texto ser pontuado de maneira distinta por dois indivíduos ou até pela mesma pessoa em momentos diferentes. Esse fato revela, na pontuação, aspectos da enunciação, em que o escrevente, ao elaborar seu texto, deixa marcas como sujeito da escrita. Os diferentes modos de pontuar se apresentam, também, como orientações de leitura do autor para o seu leitor.

Os sinais de pontuação são signos que compõem a tessitura de uma mensagem e oferecem dados relevantes para sua compreensão e sua interpretação. Do ponto de vista semiótico, os sinais de pontuação têm um duplo valor no texto: o lingüístico e o visual.

Na materialização do discurso em texto, há um espaço não preenchido, responsável pela marcação de uma relação que não é perfeitamente ajustada, no que diz respeito à discursividade. Essa falta resulta em múltiplas significações, que a todo momento evoluem, de acordo com as experiências do indivíduo (cf. Peirce, 1995).

A teoria da iconicidade permite que penetremos no interior das mensagens, no modo como elas são engendradas, nos procedimentos e nos recursos nelas utilizados, conforme observa Santaella (2002). A teoria semiótica de extração peirceana pode dar conta dos problemas que dizem respeito às mensagens em sua multiplicidade de sentidos e ainda evidenciar a forma como reagimos a elas. É possível, também, dentro da teoria semiótica, que se estabeleçam relações dos signos textuais com a sintaxe, com a semântica e com a pragmática. A semiótica, portanto, representa um importante instrumento de captação de significações presentes no texto escrito.

### **3. A pontuação e a gramática normativa**

As gramáticas tradicionais, em geral, não se referem à função da pontuação; apenas fazem a definição dos sinais e dão orientações sobre o seu emprego com extensas listas. Não há

qualquer referência à importância da pontuação para a clareza do texto. Os autores se baseiam em três critérios para o emprego dos sinais de pontuação: o fonológico, o sintático e o semântico e, muitas vezes, as instruções de uso de um sinal são baseadas em um critério diferente daquele utilizado na sua definição.

Não há, também, nas gramáticas normativas, qualquer referência à função discursiva dos sinais de pontuação, como a possibilidade de um só signo ser capaz de exprimir nuances de estados emocionais como raiva, satisfação, indignação, alegria, entre outros, de acordo com o contexto. Por meio dos sinais de pontuação é possível, ainda, conforme observa Rocha (1997), expressar “negação total do que vinha sendo dito, insinuação, distanciamento, citação dentro de uma citação, discurso direto num discurso indireto ou numa narração, cortes do assunto, mudanças de foco ou sinfonia de muitas vozes”. Além da carência de informações acerca das funções e dos valores da pontuação, observa-se, nas gramáticas, extensas listas sobre o emprego dos sinais, sobretudo da vírgula, fato desanimador para o aluno.

É importante que o estudante tenha conhecimento de que a ordem dos constituintes no português é S V O, ou seja, sujeito, verbo e complemento verbal, o objeto. Ocorrendo a quebra dessa ordem, isto é, a intromissão de outro constituinte, este deverá aparecer entre vírgulas. Devemos lembrar que não há necessidade de o advérbio preso ao verbo ser destacado por um sinal de pontuação.

Poderíamos simplificar as instruções de uso da vírgula, da seguinte maneira, na dimensão sintática:

- sinais de uso obrigatório: enumeração (sujeito composto justaposto e orações assindéticas justapostas), elipse de um termo, intercalação de termos acessórios (os vocativos, os apostos, os adjuntos adverbiais, as orações adverbiais desenvolvidas e orações adverbiais reduzidas) e deslocamento de termos da oração.;
- os adjuntos adverbiais e orações adverbiais devem aparecer na sua posição natural, isto é, após o objeto da frase.

O ponto-e-vírgula é empregado para delimitar orações coordenadas mais extensas.

Em termos discursivos, os sinais (.), (!), (?), (...), (:) são empregados para declarar, exclamar, perguntar, sugerir ou deixar em suspenso alguma idéia e introduzir enumerações e citações, respectivamente.

Há, ainda, os seguintes sinais:

- o travessão (—), que indica uma informação referente ao termo anterior ou, no diálogo, mudança de interlocutor;
- os parênteses ( ), índices de uma informação suplementar na frase.

Devido ao fato de o uso de os sinais de pontuação estar ligado a questões de enunciação, há uma certa liberdade no emprego de certos sinais, como o travessão, os dois-pontos, o parêntese e até mesmo a vírgula.

É importante, primeiramente, que o aluno tenha conhecimento do funcionamento dos mecanismos da língua. Em seguida, ele deve ser conduzido a refletir sobre as razões que motivam o autor do texto a optar por determinadas escolhas quanto à ordem dos constituintes e ainda sobre os efeitos causados, no texto, por essa escolha.

### **3.1- A pontuação estilística**

### **3.2- A pontuação em textos não-literários**

A pontuação é um recurso da modalidade escrita da língua que oferece inúmeras possibilidades de expressividade. Vemos, nos textos publicitários, toda a sorte de aproveitamento dos sinais de pontuação e de outros recursos gráficos, como o jogo com as maiúsculas e as minúsculas e ainda interessantes arranjos com o tamanho e o modelo das letras. Caracteres como o itálico, o negrito, sublinhado e a disposição das cores são também recursos bastante aproveitados nos

textos de propaganda. Todos esses detalhes, além de tornarem o texto mais atraente, sugerem novos sentidos à mensagem escrita.

Passemos, a seguir, à observação do emprego estilístico dos sinais de pontuação em textos publicitários.

Vejamos as seguintes passagens, retiradas de revistas e jornais impressos:

exemplo	fonte	data
Sloggi Hot Hips. Tecido inédito de alta tecnologia. Sem elásticos. Sem marcas. Pela primeira vez uma <i>lingerie</i> tão delicada quanto a sua pele. Você nunca sentiu tanto conforto com seus movimentos.	Veja	7/6/2006
Não importa o seu negócio. O curso certo para ele está na internet. E de graça.	Veja	7/6/2006
Novo Space Fox. Lindo pra quem vê. Gigante pra quem anda.	Veja	7/6/2006
Chegou o Bradesco Seguro Auto Mulher. A segurança que a mulher precisa. Faça já o seu.	Cláudia	junho/2006
Saber as últimas novidades é bom. Dividir as novidades numa mesa de bar é sem comparação	Veja	14/6/2006
Músculos de aço. Mesmo. Celta Nova Geração. Encara qualquer parada.	Época	15/5/2006

Nesses exemplos, temos uma interessante diagramação textual, em que se utiliza somente um sinal de pontuação: o ponto. Podemos observar que as frases nominais e as orações finalizadas por esse sinal são curtas e desprovidas de conectores. Os enunciados declarativos são organizados de modo que a mente de quem lê receba as informações de forma segmentada e gradativa, em quadros que vão se sobrepondo e desenhando a originalidade do produto, com o objetivo de despertar no leitor a necessidade de adquiri-lo.

Para Melo (1976), o período curto é de fácil entendimento e dispensa um raciocínio mais elaborado. O gramático ainda afirma que esse tipo de construção é mais adequado ao espírito pragmático do homem da atualidade. Acrescentamos que orações de pouca extensão são também mais apropriadas para o gênero textual em análise, que é o texto publicitário.

No último exemplo, observa-se que o operador argumentativo “mesmo”, com função de intensificar a afirmação anterior, aparece segmentado pelo ponto. Ficam bem claras, nessa passagem, as intenções persuasivas do texto sobre o leitor.

No quadro seguinte, temos o emprego dos dois-pontos. Vejamos as passagens selecionadas:

exemplo	fonte	data
Linha de aveia Davene: nova fórmula, novo perfume, nova embalagem.	Veja	7/6/2006
Descubra o que Nova York, Milão e Paris já sabem: nossa beleza vem do campo.	Cláudia	junho/2006
Este presente vai valorizar o seu desejo: estar o tempo todo com ela.	Veja	7/6/2006
O Brasil nas Copas: os mundiais nas páginas do JB.	JB	16/6/2006
Fique apertado só no abraço: presentes em até 12x sem juros.	Veja	7/6/2006

Nessas frases, os dois-pontos têm alto poder de sugestão. Eles funcionam como signos orientadores da parte seguinte do texto e, ao mesmo tempo, fazem referência ao termo anterior ao sinal de pontuação. Poderíamos fazer analogia desse sinal com janelas que se abrem para a informação anunciada pela pontuação.

As frases seguintes são muito encontradas na linguagem coloquial. Vejamos:

exemplo	fonte	data
Muitos buscam, poucos alcançam.	Revista de Domingo	25/6/2006
Deitou, dormiu.	Veja	14/6/2006
Onde tem aveia, tem beleza.	Veja	7/6/2006
Brilho espelhado, toque aveludado.	Marie Claire	junho/2006

Podemos observar que os enunciados se apresentam com estruturas paralelas, separadas por vírgulas. Os estímulos sonoros e visuais fazem com que o leitor associe esses períodos aos ditos populares. A pontuação, sob o ponto de vista semiótico, funciona como um índice, isto é, a vírgula que delimita as duas orações remete o leitor a uma situação típica da cultura de nosso povo. Esse tipo de construção facilita a memorização do enunciado e, provavelmente, por essa razão, tais frases foram elaboradas pelos anunciantes.

As passagens seguintes mostram outros exemplos da originalidade das mensagens publicitárias:

exemplo	fonte	data
Um Grande Hospital, Um Grande Plano.	Revista O Globo	25/6/2006
VOCE é linda. você é inteligente. você é competente. você é companheira. você é esforçada. você é meiga. você é forte. você é especial. você é leal. você é determinada. você é profissional. você é romântica. você é sensual. você é insubstituível. você é única. você é uma, um milhão. você é revendedora avon.	Veja	21/6/2006
1º pagamento 60 dias após, consulte planos de 3x a 18x	JB	27/6/2006

O primeiro exemplo mostra a criatividade do escrevente e as inúmeras possibilidades de escrita oferecidas pela língua. A plasticidade visual é um elemento auxiliar de ativação dos espaços mentais do leitor. Podemos observar que, além da estrutura sintática a que já nos referimos, os tipos de letra são também utilizados para compor a frase. Observa-se uma correspondência entre a imagem visual e aquilo que representam, isto é, a dimensão das letras iniciais das palavras está associada à grandeza dos objetos a que se referem.

Podemos ver, no segundo exemplo, também a utilização da imagem. O aspecto visual do texto procura estimular a mente receptora a experimentar as sensações sugeridas pela diagramação da mensagem. Inicialmente, há uma supervalorização do leitor, no caso, a revendedora de produtos de beleza. O pronome que inicia a mensagem, em caixa alta, sugere um tom solene de tratamento à essa pessoa do discurso. A seguir, o desenvolvimento do texto é feito com letras minúsculas, numa alusão à característica da mulher que vende os produtos: uma pessoa comum, própria para representar a empresa, cujo público-alvo é formado de mulheres das classes mais populares.

No terceiro exemplo, vemos que a vírgula, empregada no lugar do ponto, está de acordo com as intenções sugeridas pela frase. O sinal de pontuação marca um limite de parte da oração. A forma do enunciado é compatível ao seu sentido, ou seja, as providências para a compra do produto devem ser imediatas, antes da finalização da mensagem.

Observa-se que os signos mais utilizados nos textos de propaganda são o ponto, os dois-pontos e a vírgula, além da interrogação e da exclamação. Esses sinais de pontuação são adequados às intencionalidades desse tipo de gênero textual, que, de forma sutil, sugere atitudes por meio da declaração, da citação, da indagação e até mesmo das exclamações. As frases de textos publicitários, em geral, sintéticas, são estrategicamente elaboradas para que sejam rapidamente entendidas e memorizadas.

### 3.3. A pontuação em textos literários

O emprego dos sinais de pontuação está relacionado ao momento histórico. Mudanças significativas ocorreram quanto ao emprego desses signos, pois acontecimentos como a invenção da imprensa e o aumento de pessoas letradas fizeram com que a concepção de pontuação se modificasse. Essa prática, antes relacionada à oralidade, passa a ter como fundamento a gramática. Em outras palavras, a leitura oral passa a ter um caráter visual.

É importante destacar, entretanto, que a pontuação baseada nas pausas da modalidade oral da língua não desapareceu, sendo empregada até hoje. Isso se deve à proximidade entre escrita e oralidade. É comum encontrarmos, nas gramáticas, orientações de emprego de sinais de

pontuação que se referem às pausas, à respiração e à entonação, numa referência clara à cadeia falada. Atualmente, as duas formas de pontuação são utilizadas pelo escrevente. Textos que se destinam à representação ou à leitura em voz alta são, geralmente, pontuados de acordo com o fim a que se destinam, como textos dramáticos, textos informativos, etc.

Não podemos ignorar um importante papel da pontuação no texto escrito, que é a expressividade. A pontuação auxiliará o autor a tecer a narrativa e, de acordo com suas intenções, a produzir determinado efeito. O emprego dos sinais de pontuação servirá, também, para auxiliar o leitor a percorrer o caminho traçado pelo escritor, com vistas à interpretação do texto. O sinal de pontuação é um signo que indica e sugere uma série de elementos, entre os quais, as intenções do autor.

Ao se fazer a análise dos sinais de pontuação em um texto, devemos considerar as intenções do autor e os efeitos produzidos no leitor.

Vejamos, a seguir, o emprego dos sinais de pontuação, na seguinte passagem, na qual Machado de Assis emprega, de modo exaustivo, as reticências.

O velho diálogo de Adão e Eva

Brás Cubas  
 . . . . ?  
 Virgília  
 . . . .  
 Brás Cubas  
 . . . . .  
 . . . . .  
 Virgília  
 . . . . . !  
 Brás Cubas  
 . . . . .

(Memórias Póstumas de Brás Cubas, p.186)

Guimarães Rosa emprega os sinais de pontuação de maneira especial.

Vejamos:

Esticado nos pés, parecia querer tentar repor o clã numa ainda até então nem nunca mais atingida compostura. Ao que, do grupo das mulheres, principalmente, ouviram-se vozeios resmelengos , e protestos, atribulados, trépidos, se bem que pouco inteligíveis, por simultâneos. De tia, tia e tia:

“... .. então ...”

“... .. não ...”

“... .. razão! ...”

O debate não teria fim, discussão de nascer trevas. (“Os chapéus transeuntes”, p.754)

Vemos, nesses excertos, que as reticências valem por frases inteiras, conforme observa Catach (1980). A partir da parte narrada e das palavras presentes nos diálogos, no texto de Guimarães Rosa, o leitor vai dar sentido à narração, recompondo mentalmente os enunciados das vozes presentes no texto.

Na obra de Machado de Assis, temos um capítulo inteiro (LV) no qual se apresentam somente as reticências, o ponto-de-interrogação e o ponto-de-exclamação, sinais ligados à enunciação. Vemos, nessas passagens, a interação entre leitor e texto.

Vejamos, ainda, outros excertos da obra de Guimarães Rosa:

Uma porteira. Mais porteiros. Os currais. Vultos de vacas debandando. A varanda grande. Luzes. Chegamos. Apear. (“Minha gente”, p.185)

[...] Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos. Daí, de repente, casaram-se. Alegres, sim, para feliz escândalo popular, por que forma fosse. Mas.  
 [...] Deu-se a entrada dos demônios.  
 [...] Era o seu amor meditado, a prova de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se.  
 Mais.  
 [...] Entregou-se a remir, redimir a mulher, à conta inteira. (“Desenredo”, p.39)

c) São Tomé se soberbava, lavava com sabão o corpo, pedia roupas de esmola. Eu, bebia. (“Antiperipléia”, p.527)

No primeiro trecho, vemos o emprego de frases justapostas. Esse recurso dá progressão à narrativa, causando um efeito intensivo ao contexto. Essa técnica é muito comum nas narrativas tradicionais dos contadores de histórias. O processo, que produz o efeito de uma câmera, percorre o ambiente lentamente, formando quadros que recriam as cenas em nossa mente. No segundo exemplo, vemos uma conjunção e um advérbio dotados de marcas discursivas próprias de parágrafos, com implicações semânticas e pragmáticas. Essas frases adquirem um realce particular com a adição do ponto. O sinal de pontuação corta o desenvolvimento do enunciado, na escrita, deixando que o leitor desenvolva mentalmente a idéia sugerida pelos vocábulos e componha a cena narrada.

No terceiro excerto, vemos a vírgula entre o sujeito e o verbo, emprego proscrito pela gramática tradicional. Podemos observar, entretanto, que a vírgula é uma exigência do próprio contexto. No período anterior, o narrador relata os cuidados do personagem “São Tomé” com a aparência. A última frase mantém simetria com a anterior. Poderíamos parafraseá-la da seguinte forma: Quanto a mim, bebia. A vírgula entre o sujeito e o verbo marca a elipse de elementos da oração.

Clarice Lispector também fez uso dos sinais de pontuação de forma original. A autora inicia o romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1998) da seguinte forma:

, estando tão ocupada, viera das compras de casa que a empregada fizera às pressas porque cada vez mais matava serviço, embora só viesse para deixar almoço e jantar prontos, dera vários telefonemas tomando providências, inclusive um difícilimo para chamar o bombeiro de encanamentos de água, [...] ele dissera uma vez que queria que ela, ao lhe perguntarem seu nome, não respondesse “Lóri” mas que pudesse responder “meu nome é eu”, pois teu nome, dissera ele, e um eu, perguntou-se se o vestido branco ou preto serviria, então do ventre mesmo, como um estremecer longínquo de terra que mal soubesse ser sinal de terremoto, do útero, do coração contraído veio o tremor [...] afinal rebentados canos e veias então (p.13-14)

A escritora organiza os parágrafos e orações de forma pouco convencional. Nesse exemplo, temos fragmentos dos dois primeiros parágrafos da narrativa. Podemos observar que a vírgula inicia e finaliza o primeiro parágrafo; o segundo tem início e fim com letra minúscula, fato contrário às prescrições da gramática. Vê-se que a pontuação empregada pela escritora se afasta tanto da concepção lógico-gramatical quanto da concepção oral.

A autora finaliza a obra da seguinte maneira:

(...) Você pensa que —  
 —Eu penso, interrompeu o homem e sua voz estava lenta e abafada porque ele estava sofrendo de vida e de amor, eu penso o seguinte:

Poderíamos dizer, com base na pontuação empregada, que temos acesso a um fragmento da obra da escritora. Cabe a nós, portanto, dar completude à estória, de acordo com a parte transmitida pelo narrador. A participação do leitor é fundamental, nesse tipo de escrita, para que as intenções do autor se cumpram e a interpretação do texto se realize.

#### **4. O trabalho com a pontuação em sala e aula**

Tivemos oportunidade de apreciar, nos poucos exemplos vistos, a riqueza de possibilidades de emprego dos sinais de pontuação. Além do ensino da pontuação gramatical, de forma mais simplificada, não podemos privar nossos alunos de tomar conhecimento do potencial expressivo da pontuação.

Como vimos nos exemplos, os sinais de pontuação não só marcam os limites de orações e de constituintes frasais no espaço gráfico, como também recriam o ritmo da oralidade. Esses signos podem, também, desenhar, no texto escrito, interessantes passagens capazes de levar a mente receptora a experimentar sensações que rompem as amarras de uma escrita exclusivamente linear, sem qualquer dose de criatividade.

É necessário, primeiramente, que o estudante tome conhecimento da função organizadora da pontuação no texto escrito. O contato com diversos gêneros textuais vai levá-lo a compreender a necessidade de adequação da pontuação ao tipo de texto. A leitura em voz alta vai auxiliar na identificação do critério determinante para o emprego dos sinais.

A consulta à gramática da língua também vai auxiliar o aluno a distinguir a pontuação lógico-gramatical da pontuação expressiva, de ordem mais discursiva.

Acreditamos que, dessa forma, o professor terá oportunidade não só de apresentar ao aluno belas páginas de nossa literatura e interessantes construções em textos publicitários, como também realizar uma atividade útil para a produção textual e para a prática de leitura.

É importante também que o aluno tenha conhecimento de que os sinais de pontuação são signos de fundamental importância para a eliminação das ambigüidades e para a mudança de sentido de um enunciado. Exercícios como a colocação dos sinais de pontuação, em passagens desprovidas desses signos ou a reescritura de trechos em que se depreendam incoerências textuais, ocasionadas pelo emprego equivocado da pontuação, são estratégias úteis no ensino do assunto. Com esse tipo de exercício, o estudante terá oportunidade, também, de observar que a colocação dos sinais, motivada por questões de ordem semântica e sintática, determinará o ritmo que se observa tanto na oralidade quanto na escrita. Desse modo, o aluno perceberá que as dimensões sintática, semântica e fonológica da língua são ligadas entre si.

O professor pode, ainda, propor atividades de deslocamento de constituintes oracionais, para que o aluno perceba os efeitos de sentido causados por essas mudanças e reflita sobre as intenções do autor na escolha da ordem dos termos. É importante que o estudante compreenda que as alterações na estrutura da oração têm um caráter argumentativo, gerando mudanças no ritmo do enunciado, com deslocamento de pausa e surgimento de novos contornos entonacionais.

A ordenação de parágrafos aliada à colocação de sinais de pontuação é outra interessante atividade para que o aluno estabeleça os nexos discursivos do texto e observe o papel da pontuação na organização textual.

#### **5. Conclusão**

Como vimos, o desprestígio da pontuação pelo estudante se deve à pouca importância que se dá ao assunto por parte das gramáticas, dos manuais didáticos e, conseqüentemente, por parte do professor. O aluno, muitas vezes, não recebe qualquer tipo de orientação no primeiro grau. As poucas noções a respeito do assunto são vistas nas séries do segundo grau. Como resultado, deparamos com adultos incapazes de pontuar um texto satisfatoriamente.



É urgente a mudança de postura por parte da escola em relação ao tratamento dispensado a determinados assuntos, como a pontuação. Por ignorar que esse tema é um dos elementos responsáveis pelo sentido do texto, os alunos empregam os sinais de pontuação de forma aleatória, segundo um sistema quase subjetivo, gerando sérios problemas de coesão e de coerência. Além disso, os estudantes concluem os primeiros estágios de sua formação escolar ignorando a importância dos sinais de pontuação no estilo de um texto.

Uma metodologia de ensino mais objetiva e funcional tornará o assunto atrativo e menos árduo para o aluno, e, conseqüentemente, com resultados satisfatórios para o professor. O conhecimento do papel argumentativo da pontuação auxiliará o estudante a perceber, também, as funções discursivas e expressivas dos sinais de pontuação, instrumentalizando-o com importantes recursos de produção textual e estratégias de aprimoramento de sua capacidade de leitura.

## Referências

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de (1975). *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL.
- CATACH, Nina (1980). *La Ponctuation*. Paris: Larousse.
- COSTA, Maria Rosa (1994). *A pontuação*. Porto: Porto Editora.
- LISPECTOR, Clarice (1998). *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco.
- MELO, Gladstone Chaves de (1980). *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- \_\_\_\_\_. (1976). *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Padrão
- NUNBERG, Geoffrey (1990). *The linguistics of punctuation*. United States: CSLI
- ROCHA, Ílta Lerche Vieira (1997). *O Sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva*. In D.E.L.T.A: Revista de documentação de estudos em lingüística teórica e aplicada.
- ROSA, João Guimarães (1995). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.
- SANTAELLA, Lúcia (2001). *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning
- PEIRCE, Charles Sanders (1995). *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.